

Será o pior cego aquele que não quer ver?

Comunidade persiste em “acreditar em mentiras das suas convicções”, aponta Miguel Dias, ativista. António Carvalho, sociólogo, defende que “estigma negativo associado ao negacionismo” deve ser combatido.

- POR BEATRIZ CANIÇO E JOANA MARQUES -



Segundo um estudo realizado pelo Anenberg Public Policy Center (APPC) na Universidade da Pensilvânia, entre 2018 e 2024, a credibilidade de cientistas diminuiu no último ano para a população norte-americana. Foram analisadas categorias como a confiança em si depositada e a sua competência, e inquiridos mais de quatro mil cidadãos. Com base na amostra representativa, a confiabilidade da sociedade nestes profissionais diminuiu cerca de 10% entre 2023 e 2024. Os cientistas ambientais foram considerados menos credíveis em comparação com profissionais de outras áreas. Especialistas portugueses não consideram que o mesmo esteja a acontecer em Portugal.

João Fernandes, astrónomo e professor da Universidade de Coimbra, admite não reunir dados que permitam tirar conclusões sobre a evolução da desconfiança na ciência no país. Na sua opinião, é a maior facilidade de divulgação de ideias pseudocientíficas que causa a impressão de aumento de convicções adversas ao conhecimento das investigações. O sociólogo António Carvalho e o ativista climático Miguel Dias concordam que o crescimento do negacionismo não é tão direto quanto a maior parte das pessoas pensam.

As causas da existência do teor negacionista na sociedade atual divergem. O ativista aponta o anonimato proporcionado pelas redes sociais aos utilizadores como um fator importante na evolução deste fenómeno. Já para António Carvalho, a desconfiança da sociedade deve-se ao facto de a ciência ser fulcral na definição de políticas públicas. O sociólogo defende que o conjunto das crises climática e pandémica, e o choque cultural, causam a “diversidade epistemológica” à qual se devem os fatores do estado

presente.

Tanto os investigadores como o ativista acreditam que a maioria da população confia na ciência. João Fernandes revela que, na sua experiência, não nota uma diminuição de interesse. “Não acho que a desinformação, a pseudociência ou o negacionismo estejam a ganhar relativamente a argumentos racionais”, acrescenta. Defende que a sociedade em geral reconhece o papel deste setor no progresso da humanidade. Já segundo o estudo realizado pela universidade norte-americana, em 2024 apenas 28% da população do país concorda fortemente que as descobertas científicas beneficiam a nação como um todo, um decréscimo de 9% comparado ao ano anterior.

“A forma de lidar com o obscurantismo e negacionismo é a educação”, declara o astrónomo, crente de que as atividades desenvolvidas por centros de investigação e universidades são o ponto de partida para uma comunidade informada. Em comparação, o ativista soluciona a questão ao incidir sobre disciplinas escolares, como a Cidadania e Desenvolvimento, e ao defender o uso de redes sociais para combater “fake news” a partir do esclarecimento de ideias falsas divulgadas.

Com um ponto de vista oposto, o sociólogo realça a importância do conhecimento da origem do negacionismo para a compreensão do seu papel na atualidade. “O termo foi popularizado no século passado para se referir a grupos que negavam o extermínio em massa de judeus”, explica. Perante a sua evolução, considera que hoje esta temática está associada a coletivos que criticam não necessariamente a ciência, mas a forma como premissas científicas são usadas pelos governos para justificar medidas públicas.

António Carvalho acredita que a procura de iniciativas que combatam esta desconfiança advém do “estigma negativo associado ao negacionismo”. Aponta as más condições de produção científica afetadas pela falta de investimento como uma das causas do problema. É com a falta de neutralidade na ciência que António Carvalho justifica a desconfiança da sociedade nas políticas baseadas em estudos. A investigação realizada na Universidade da Pensilvânia corrobora: apenas 41% dos inquiridos concordam que os cientistas no geral conseguem superar preconceitos humanos e políticos e 45% que conseguem apresentar conclusões imparciais numa área de inquérito.

Segundo António Carvalho, a evidência científica é, por vezes, selecionada de uma forma “bastante específica” para justificar medidas políticas. No seu ponto de vista, alguns grupos são desconsiderados e reputados como “opostos à razão” apenas por sugerirem alternativas às medidas mais “autoritárias” propostas pelo Estado. O sociólogo contraria a ideia de que “quem não acredita na verdade oficial é negacionista ou até bárbaro, incivilizado”.

A área de trabalho de Estudos de Ciência e Tecnologia percebe isto como um estigma que tem de ser desconstruído e defende que a “solução” para o negacionismo não passa pela educação, porque não considera a ignorância como a origem do problema. “Políticas baseadas na evidência vão sempre gerar reações que contrariam este autoritarismo”, explica António Carvalho. Num tom curioso, conclui ao expressar o seu interesse em descobrir quais vão ser “os próximos fenómenos de negacionismo a serem promovidos na sociedade futura”.